

Museologia na UFMG: 10 anos da Graduação

Museology Course at UNIRIO: 90 years of advances and challenges

Letícia Julião*

Ana Paula Soares Pacheco**

Jezulino Lúcio Mendes Braga***

Luiz Henrique Assis Garcia****

Resumo: O curso de museologia da UFMG foi criado em 2010 por meio do Programa de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI). Desde sua criação, o curso é uma referência em ensino, pesquisa e extensão, atuando na formação de museólogos, pesquisa acadêmica e processos museais por meio de programas e projetos de extensão, especialmente em Belo Horizonte e região metropolitana. Este artigo aborda de forma contextualizada a história do curso, fazendo o balanço de conquistas e desafios enfrentados na rota seguida até aqui, como a reforma de currículo e diversas ações do corpo docente no ensino, pesquisa e extensão, refletindo ainda sobre o papel social e político dos museus como um princípio fundante para a formação de presentes e futuros museólogos.

Palavras-chave: Museologia. UFMG. Ensino. Pesquisa. Extensão universitária.

Abstract: The UFMG museology undergraduate course was created in 2010 through the Restructuring and Expansion Program of Federal Universities (REUNI). Since its creation, it has been a reference in teaching, research and extension, working in the training of museologists, academic research and museum processes through extension programs and projects, especially in Belo Horizonte and its metropolitan area. This article approaches in a contextualized way the course's history, evaluating the achievements and challenges faced in the route followed so far, such as the curriculum reform and various faculty actions in teaching, research and university extension, also reflecting on the political and social role of museums as a founding principle for the training of present and future museologists.

Key-words: UFMG. Museology. Teaching. Research. University extension.

* Doutora em História, mestre em Ciência Política e graduada em História pela UFMG. Professora Associada do curso de Museologia/Escola de Ciência da Informação/UFMG, dos programas de pós-graduação de Ciência da Informação e do Promestre/UFMG e de Patrimônio e Museologia/UFRGS. Foi coordenadora da Rede de Museus e Espaços de Ciência e Cultura da UFMG, Diretora do Museu Histórico Abílio Barreto e Superintendente de Museus de Minas Gerais. juliao.leticia@gmail.com

** Bacharel em museologia pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio), Mestre em Ciência da Arte pela Universidade Federal Fluminense (UFF). É doutoranda em Museologia pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias (ULHT). Professora Assistente II e coordenadora do colegiado do curso de museologia. Subchefe do Departamento Teoria e Gestão da Informação (DTGI) na ECI. É membro da Rede Museologia Kilombola. anapaulamuseologa@gmail.com

*** Graduado e mestre em História pela UFMG e doutor em educação na mesma universidade. Atualmente é vice-diretor da Escola de Ciência da Informação da UFMG onde leciona no curso de museologia. É professor do Programa de Pós-graduação em Educação e Docência /PROMESTRE da Faculdade de Educação da UFMG. jezulinolmb@gmail.com

**** Graduado, mestre e doutor em História pela UFMG, onde atualmente é professor associado, atuando no curso de Museologia - que coordenou entre 2014-2016 - e no PPG em Ciência da Informação da ECI. É um dos coordenadores do grupo de pesquisa ESTOPIM – Núcleo de Estudos Interdisciplinares do Patrimônio Cultural e criador do grupo de estudos SOMMUS – Som e museologia, temas sobre os quais vem pesquisando e publicando. Coordenou o setor de pesquisa do Museu Histórico Abílio Barreto (BH/MG) por 8 anos. uhen_asgar@yahoo.com.br

Introdução

No texto que segue apresentamos o Curso de Bacharelado em Museologia da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) que completou 10 anos de criação em 2020. Desde sua criação, o curso tornou-se uma referência em ensino, pesquisa e extensão no Estado, formando museólogos que atuam em museus públicos e privados, realizando pesquisas em diferentes temas e intervindo, por meio da extensão, em processos museais em Belo Horizonte e região metropolitana.

Para a elaboração do presente texto foi utilizada a documentação concernente à UFMG, ao Colegiado do Curso, dados do Sistema de Informação de Extensão (SIEX) e de Relatórios disponibilizados pelo Setor de Estatística da Pró-Reitoria de Graduação (PROGRAD), acrescidos da experiência acumulada de gestão acadêmica compartilhada pelos autores. Será estabelecido um histórico que aborda a trajetória do curso, sinalizando seus principais marcos desde a criação à consolidação, perpassando os diferentes aspectos de seu funcionamento, como as atividades de ensino, pesquisa, extensão, desenvolvidas no âmbito da universidade e fora dela, apresentando e avaliando este período que ultrapassa uma década de trabalho. Destacaremos a organização inicial do curso e o subsequente processo de elaboração do Projeto Pedagógico do Curso (PPC) na reformulação da matriz curricular, longo processo que está em vias de aprovação nas instâncias competentes da UFMG, por meio da memória constituída em atas de reuniões do Colegiado do Curso de Museologia e Núcleo Docente Estruturante (NDE). Será também abordada a realização do I Seminário Brasileiro de Museus (I SEBRAMUS), evento que afirma o lugar do curso no cenário nacional de ensino e pesquisa em Museologia. Outro aspecto a ser apresentado diz respeito às atividades de extensão e pesquisa e o conseqüente aumento da atuação de professores e alunos no panorama museológico local e regional, bem como a integração com a pós-graduação. A narrativa procura também contextualizar tal percurso em relação às transformações do ensino superior em plano nacional - marcadamente a partir do Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI), iniciado em 2007 durante o Governo do ex-Presidente Luiz Inácio Lula da Silva e suas reverberações no campo da Museologia no Brasil e no cenário institucional específico em que curso está inserido. Concluído o balanço de conquistas e desafios enfrentados na rota seguida até aqui, o artigo faz uma reflexão sobre o papel social e político dos museus na atualidade e sobre o compromisso do curso em fazer dessa abordagem um princípio fundante para a formação de museólogos no presente e futuro.

1. Democratização da Universidade Brasileira e o Curso de Bacharelado em Museologia na UFMG

A criação do Curso de Bacharelado em Museologia na Escola de Ciência da Informação (ECI) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) foi resultado do REUNI, período o qual mais de 10 outros cursos de graduação em Museologia foram implantados no Brasil, quando a intensificação de investimentos públicos na educação superior operou transformações significativas orientadas para a democratização da universidade, com melhorias e ampliação de infraestruturas, ampliação de vagas, criação de novos cursos de graduação, estabelecimento de cotas raciais e sociais e financiamento para a permanência do estudante (FONSECA, 2018). Tradicionalmente voltada para uma minoria branca das classes média e abastada, a universidade brasileira redesenhou, nesse processo, o perfil de sua comunidade, acolhendo segmentos que até então haviam permanecido excluídos do acesso ao ensino superior. Neste contexto, a oferta de novos cursos de graduação em Museologia não apenas contribuiu para o aumento de vagas no ensino superior, como também para a política inclusiva, se beneficiando com o novo perfil marcadamente diverso de estudantes e professores.

Esse diferencial em que se estruturam no pós 2007 os novos cursos e que também impactou aqueles existentes anteriormente, foi decisivo para a legitimação acadêmica do campo da Museologia, nos termos de um conhecimento socialmente necessário, filiado às questões e demandas interpostas na sociedade brasileira na contemporaneidade. A construção e o desenvolvimento de uma Política Nacional de Museus orientada por práticas e valores ancorados na diversidade e na pluralidade social, cultural, étnica e de gênero implantada em 2003, no âmbito do Departamento de Museus e Centros Culturais (DEMU)/IPHAN trouxe desdobramentos como a criação do Sistema Brasileiro de Museus (SBM) em 2004, a aprovação da Lei nº 11.904 de 14 de janeiro de 2009 referente ao Estatuto de Museus e a criação do Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM) também em 2009 também. O fortalecimento de políticas públicas para a área foi acompanhado pelo crescimento do número de museus no país, ensejando a demanda pela formação acadêmica que pudesse responder às exigências de profissionalização do setor. A conjunção do REUNI e da Política Nacional de Museus foi um fator decisivo para a instalação dos novos cursos de Museologia

No caso particular da UFMG, houve um investimento na abertura dos Cursos de Bacharelado em Arquivologia (2009) e Museologia (2010), na ECI, por reconhecer

as afinidades entre instituições como arquivos, bibliotecas e museus. Aproveitou-se das competências instaladas na ECI e construiu-se parcerias com a Escola de Belas Artes (EBA) e com a Rede de Museus e Espaços de Ciências e Cultura da UFMG. Em 2008, foi instituída uma Comissão de docentes para realizar o planejamento e o desenvolvimento do Projeto Pedagógico do Curso (PPC) de Bacharelado em Museologia formada pelos professores Carlos Alberto Ávila Araújo, Mônica Erichsen Nassif, Paulo da Terra Caldeira (Escola de Ciência da Informação) e Eliana Ribeiro Ambrósio, Yacy-Ara Froner Gonçalves, Willi de Barros Gonçalves e Marilene Correa Maia (Escola de Belas Artes). Destacamos aqui que a parceria entre ECI e EBA está registrada na contribuição ao PPC e nas disciplinas incorporadas à matriz curricular desde esta primeira proposta. O curso foi autorizado em 09 de junho do mesmo ano pelo Parecer CG/261/2009 da Câmara de Graduação da UFMG. No primeiro semestre de 2010 foram realizados os primeiros concursos públicos para prover docentes para seus quadros e em setembro do mesmo ano, o curso entrou em funcionamento. Importante destacar que “a criação do curso não apenas se harmonizava com os propósitos e metas da UFMG, mas se beneficiava de uma estrutura de pesquisa, ensino e extensão já vocacionada para esse campo do conhecimento” (JULIÃO; GARCIA; SABINO, 2015, p.2).

Pela sua localização institucional e por ter sido concebido, em um primeiro momento, como uma formação derivada do campo de conhecimento tradicionalmente instalado na ECI, os primeiros anos de funcionamento do curso foram marcados pela necessidade de se definir fronteiras entre a Museologia e a Ciência da Informação. Esta operação foi necessária para que, em um segundo momento, pudesse ser estabelecido um horizonte de conexões, que possibilitasse a transversalidade de saberes. Pode-se supor que tal como na UFMG, esse foi o movimento experimentado pela Museologia em outras universidades. A despeito da tradição da formação na área no Brasil com os cursos criados em 1932 no Museu Histórico Nacional, em 1969 na Universidade Federal da Bahia (UFBA), além da Pós-Graduação Lato Sensu na Universidade de São Paulo (USP) em 1977 (TANUS: 2013), o salto quantitativo dado com a criação dos novos cursos pelo Programa Reuni alterou qualitativamente o quadro acadêmico da Museologia no país. Ainda que se concorde com a premissa de Alves (2018) de que havia um saber prático antes do surgimento da Museologia Acadêmica, a consolidação dos novos Cursos de Graduação, como no caso da UFMG, implicou em construir um lugar para esta disciplina no ambiente universitário, compreendendo um reordenamento do estado das relações de poder, com a

acomodação de novos atores e sujeitos, instituições, discursos intelectuais e científicos.

Três fatos se destacaram nesse processo de acomodação e consolidação acadêmica da Museologia na UFMG: o trabalho inicial entre 2011 e 2012 de reformulação do Projeto Pedagógico do Curso, a realização do I Seminário Brasileiro de Museologia (SEBRAMUS) em 2014 e a reestruturação do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI) em 2011 e 2017.

Tão logo foi estabelecido o corpo docente inicial, bem como a Coordenação e a Secretaria do Colegiado do Curso de Museologia, foi avaliada a necessidade de revisão do Projeto Pedagógico do Curso de Museologia. Ainda que o PPC tenha observado as Diretrizes Curriculares Nacionais, era preciso adaptá-lo melhor a essas exigências e rever as disciplinas, estruturando-as a partir das especificidades da Museologia. Um diagnóstico do PPC detectava que o currículo da Museologia fora concebido como uma espécie de ramificação da graduação da biblioteconomia e da área da Ciência da Informação. São exemplos disso a oferta de algumas Atividades Acadêmicas Curriculares (AACs) como Teorias da Organização, Cultura e Informação, Fundamentos da Organização da Informação, Fundamentos da Ciência da Informação e Informática aplicada à Ciência da Informação.

Em 2011, a Comissão de Reformulação do Currículo do Curso foi criada pela Portaria n.008/2011 de 22 de fevereiro de 2011 e substituída em 2012 pelo Núcleo Docente Estruturante (NDE) criado pela Portaria nº 012/2012. O trabalho da Comissão/NDE foi marcado por discussões exaustivas e criteriosas, em que se buscou assegurar o alinhamento da Museologia à perspectiva de uma ciência social aplicada, com um *corpus* teórico próprio, associado ao conhecimento da cadeia operatória que marca o campo experimental dessa área de conhecimento. Além do delineamento do núcleo de atividades acadêmicas curriculares específicas da Museologia, houve um esforço em conceber uma formação que contemplasse a interdisciplinaridade, tão característica da Museologia. Era preciso definir com que áreas estabelecer um diálogo curricular, como por exemplo pensar a extensão que os estudos do patrimônio deveriam ocupar no currículo, assim como a Arte, a História, a Antropologia e a Ciência da Informação.

Nesse momento era necessário garantir que o curso mantivesse correspondência com a estrutura disciplinar da Museologia – teoria, museologia aplicada, transversalidade com outros campos de conhecimento e, ao mesmo tempo, em diálogo com os demais cursos que estavam sendo implantados no Brasil. Durante

a elaboração da proposta de reformulação do PPC foram firmadas as bases para se conceber a estrutura curricular, os conteúdos e programas das atividades acadêmicas curriculares, as demandas de laboratórios e a constituição de uma biblioteca inicial. Mas, sobretudo, o intenso debate realizado pela Comissão/NDE foi crucial para se construir uma identidade do curso de Museologia no contexto da ECI.

Em 2012, a proposta de PPC foi apresentada, mas não ocorreu a sua implementação devido aos entraves burocráticos, demandas departamentais e novas orientações curriculares implantadas pela Pró-reitoria de Graduação (PROGRAD) da UFMG. Atualmente, a proposta revisada, que será abordada adiante, encontra-se muito próxima de ser aprovada. A despeito de tais contratemplos, muito do processo de reformulação do currículo refletiu em várias ações de ensino, extensão e pesquisa e alguns ajustes foram implementados, especialmente no contexto da primeira avaliação realizada em 2013 pela comissão enviada pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Anísio Teixeira pertencente ao Ministério da Educação (MEC). O parecer inicial atribuiu ao curso a nota 3, devidamente corrigida após recurso junto ao Ministério da Educação, que resultou em nota final 4. É possível afirmar que “a fase de implantação do curso se encerra com sua regulamentação” (JULIÃO; GARCIA; SABINO, 2015, p. 6), pela PORTARIA N° 112 DE 14 de fevereiro de 2014. A primeira turma de museólogos da UFMG formou-se em julho daquele ano.

Em 2014, o Curso de Bacharelado em Museologia da UFMG assumiu a organização da primeira edição do Seminário Brasileiro de Museologia - SEBRAMUS, juntamente com a Rede de Professores e Pesquisadores do Campo da Museologia. Com a implantação dos novos cursos de Museologia, tornou-se determinante articular a criação de um evento científico-acadêmico, com periodicidade regular, que se tornasse referência para a área. Por ocasião dos encontros realizados em 2012 e 2013 pela Rede de Professores e Pesquisadores do Campo da Museologia, em particular durante o V Fórum Nacional de Museus, realizado em Petrópolis (2012), concebeu-se o evento como um fórum privilegiado, dedicado a fomentar e a divulgar as discussões e a produção científica-acadêmica entre docentes e profissionais.

O I SEBRAMUS aconteceu entre os dias 12 e 14 de novembro, com participação expressiva de docentes e pesquisadores, que se integraram a 5 GTs, resultando em 79 artigos publicados em seus anais¹. Inaugurado na UFMG e atualmente em sua 5ª edição, com sede a cada evento em uma instituição

¹ Ver anais em:
<http://www.sebramusrepositorio.unb.br/index.php/1sebramus/ISebramus/schedConf/presentations>

universitária diferente, o SEBRAMUS firmou-se como fórum exitoso de acolhimento e publicização da produção científica, concorrendo para fortalecer o campo da Museologia no Brasil. Do ponto de vista específico do curso de Museologia da UFMG, a empreitada teve o significado de marcar o ponto de inflexão em sua fase endógena. Por estar consolidado internamente, uma vez que firmara sua identidade e suas especificidades, tanto quanto o reconhecimento de sua autonomia em relação às demais graduações ofertadas pela ECI, o curso de Museologia da UFMG pôde, a partir do I Sebramus, ampliar e intensificar a sua interlocução com atores e instituições externas, no compartilhamento de interesses convergentes.

O reordenamento institucional para acolher o curso de Museologia também repercutiu no programa de pós-graduação em Ciência da Informação (PPGCI) da UFMG. Como observado em publicação anterior: “Entre outros efeitos das novas graduações criadas, como era de se esperar, estava o aparecimento de novas linhas de investigação e atuação docente e novos perfis de profissionais sendo formados” (GARCIA, 2019, p.132). Em 2011, inicia-se a formulação de uma nova proposta curricular no PPGCI, para abrigar pesquisadores e discentes dos novos cursos criados no âmbito da ECI, com a reformulação das linhas de pesquisas. Mantida ainda a área de concentração - Produção, Organização e Utilização da Informação - as linhas Informação Gerencial e Tecnológica; Informação e Sociedade e Tratamento da Informação e Bibliometria foram alteradas para Informação, Cultura e Sociedade; Gestão da Informação e do Conhecimento e Organização e Uso da Informação. Em regulamento do Programa, de 23 de agosto de 2016, a área de concentração passa se definir como Informação, Mediações e Cultura e, em 2017, são redefinidas as linhas de pesquisa: Memória social, patrimônio e produção do conhecimento; Políticas públicas e organização da informação; Usuários, gestão do conhecimento e práticas informacionais. Convém sublinhar alguns termos que aparecem na área de concentração e, sobretudo, na primeira linha de pesquisa, como cultura, patrimônio, memória social e mediação, que denotam aproximação do programa com questões concernentes à Museologia.

Os debates e a elaboração da proposta de reformulação do PPC, ainda que não tenha sido implementada, a realização de evento de âmbito nacional e a interlocução com o programa de pós-graduação da ECI podem ser vistos como fatos emblemáticos do processo de consolidação da Museologia na estrutura e na cultura acadêmica. Mas, para além dessa trajetória particular, assim como muitas outras graduações de Museologia criadas em universidades públicas de diferentes regiões do

país, o curso da UFMG - o perfil dos estudantes, os conteúdos ministrados, os projetos de extensão e de pesquisa, as experiências em sala de aula e fora dela - foi impactado e se beneficiou de um cenário político propício, no qual um conjunto de ações articuladas promoveu o fortalecimento e a democratização da universidade e dos museus brasileiros.

2. Repactuando um novo projeto pedagógico e o ensino da Museologia

A entrada dos estudantes no curso de Museologia na UFMG ocorre no segundo semestre do ano por meio do Sistema de Seleção Unificada (SISU), com a oferta de 40 vagas no turno diurno, na modalidade profissional de Bacharelado. O currículo do curso é composto pelo total de 2400 horas, com previsão de tempo mínimo de integralização de 8 semestres. Dois percursos com atividades acadêmicas curriculares obrigatórias e optativas atendem as formações específica, complementar, geral e avançada, e são ofertados pelos departamentos da ECI - de Organização e Tratamento da Informação (DOTI) e de Tratamento e Gestão da Informação (DTGI) - e pelo Departamento de Artes Plásticas (APL) da Escola de Belas Artes (EBA).

A proposta de projeto pedagógico formulada em 2012 permaneceu como base para a retomada de sua reformulação, em momentos seguintes, sobretudo, a partir de 2017. A metodologia e o rigor acadêmico adotados pela Comissão/NDE naqueles anos iniciais credenciaram a primeira proposta como referência para os trabalhos posteriores, ainda que fossem necessários ajustes e atualizações. Convém sublinhar que no trabalho realizado entre 2011 e 2012 foram identificados os eixos que ainda orientam a estruturação da atual proposta de currículo. Para isso, foram observadas as diretrizes do MEC, as disposições da legislação federal, as normas da UFMG, um levantamento seguido de análise comparativa dos currículos de Museologia vigentes no Brasil, além das competências do corpo docente da ECI e EBA.

Em 2017, o NDE retomou de forma sistemática o trabalho de reformulação do currículo, com a participação de todos os professores. Em outubro do mesmo ano foi finalizada uma proposta, que iniciou sua tramitação nas instâncias universitárias. Nesse intervalo tempo, em que o projeto era apreciado, foi aprovada, em 2018, as Normas Gerais de Graduação² da UFMG com o objetivo de ofertar uma formação

² As Normas Gerais de Graduação (NGG) da UFMG regulamentam e fornecem diretrizes, na Universidade, para questões relacionadas ao regime didático-científico dos cursos de graduação, tais como: estrutura curricular e gestão dos cursos, matrícula e trancamento, ingresso e desligamento na UFMG, desempenho acadêmico, entre outras. Resolução Complementar CEPE no 01/2018.

ampla, com percursos acadêmicos diversificados e transdisciplinares, alinhada com as demandas sociais contemporâneas. No ano seguinte, em 2019, a formação em extensão era regulamentada pela UFMG, prevendo integrar atividades de extensão universitárias em pelo menos 10% da carga horária dos percursos curriculares³. Ambas as regulamentações exigiram suspender a tramitação do PPC da Museologia, para ajustá-lo às novas diretrizes

Importante destacar que as alterações recentes operadas no PPC se conciliam com a base epistemológica da organização disciplinar da Museologia, definida desde a proposta de 2011/2012. As disciplinas da estrutura curricular correspondem à Museologia Geral, Museologia Aplicada e Museologia Especial⁴. Um conjunto de atividades acadêmicas, se enquadram na Museologia Geral, dedicando-se ao ensino da teoria museológica, da história e da administração dos museus. Buscam, por conseguinte, assegurar a apreensão de conceitos, a análise de experimentações museais e a sistematização de reflexões; abrangem a compreensão da inserção social dos museus, de suas transformações históricas, da origem e do desenvolvimento de novos processos de musealização; e, se estendem à perspectiva administrativa, de formulações regimentais e de gestão, de inserções jurídicas e da relação dos museus com órgãos mantenedores.

As disciplinas que respondem pela Museologia Aplicada se dedicam aos estudos da percepção, apropriação, tratamento e socialização da musealidade inerente à realidade. Abrangem os procedimentos de salvaguarda que se encarregam da conservação e documentação, tanto quanto as ações de comunicação que se ocupam de questões expositivas e educativas. Outro conjunto de disciplinas orientam-se para a Museologia Especial. Abordam as conexões da Museologia Geral com o conteúdo particulares, ou seja, relaciona o fato museal ao texto museológico - o tipo de museu ou de processo museológico - e ao contexto museológico - a sociedade na qual o museu ou processo museológico está inserido.

Conjugando estes pressupostos adotados na proposta de 2011/2012, o novo PPC, formulado a partir de 2017, reorganizou-se para incorporar atividades de extensão formativas e os quatro núcleos previstos pela Norma de Graduação: específico, complementar, geral e avançado. O núcleo específico refere-se ao

³ Na UFMG, a integralização mínima de 10% da carga horária dos currículos dos cursos de graduação com atividades de extensão está regulamentada pela Resolução 10/2019 do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (Cepe). A integralização mínima atende à Resolução 07/18, do Conselho Nacional de Educação, que estabeleceu as diretrizes para a extensão na educação superior brasileira.

⁴ A respeito da estrutura disciplinar da Museologia ver (BRUNO, 1996) e (MENSCH, 1992).

conjunto de conhecimentos e habilidades usualmente associados diretamente à formação da área de atuação do egresso. O núcleo complementar constitui um trajeto de áreas de conhecimentos não específicos, mas que dialogam com a Museologia. O núcleo geral oferece atividades que abordam temas e conteúdos de interesse geral, orientados para a formação de uma visão crítica a respeito de questões relevantes do país e da humanidade. E por fim, na perspectiva do núcleo avançado, o projeto estabelece articulação com atividades de pós-graduações, permitindo ao graduando direcionar sua formação profissional para estudos mais aprofundados⁵.

Apesar do longo processo, o PPC que tramita atualmente nas instâncias universitárias para ser aprovado é resultado da experiência acumulada em 10 anos de existência do curso. Como dito anteriormente, ainda que não tenha sido formalmente aprovado, os debates que suscitou impactaram positivamente as experiências de ensino na graduação. O processo estimulou o realinhamento de programas e conteúdos de disciplinas e o engajamento do curso em uma perspectiva de ensino, encorajada pela UFMG, para a qual convergem a investigação científica e cultural e a interação com a realidade do país e do mundo.

A matriz curricular foi concebida para que o egresso esteja apto a atuar em diversas frentes do campo museal, compreendendo o papel social da Museologia. Para isso convém destacar que em apoio sobretudo às disciplinas de caráter aplicado o curso dispõe de laboratório de preservação de acervos (LPA), laboratório de expografia e laboratório de informática. De outra parte, importantes práticas e dinâmicas integram os processos de aprendizagem. São realizadas visitas técnicas sistemáticas a museus localizados em Belo Horizonte e em outras cidades do país; organizadas exposições curriculares; desenvolvidas vivências profissionais; criadas oportunidades de participação dos estudantes em projetos de pesquisa, docência e extensão, além de estágios em instituições museológicas.

Dados da Prograd apresentados pela servidora Luciana Gonçalves de Oliveira Gotelipe no Fórum de Graduações da ECI permitem uma aproximação ao perfil dos estudantes da Museologia. Na sondagem, quando perguntados sobre o motivo de escolha do curso, a variável "interesse pela área" fica acima dos 75% em relação às variáveis "possibilidade de inserção no mercado de trabalho", "facilidade de aprovação no processo seletivo", "influência da família ou terceiros" ou "prestígio e relevância social da profissão". Quanto ao número de ingressantes do sexo feminino se manteve acima dos 50% nos últimos 10 anos, o que corrobora a constatação de Oliveira e

⁵ A respeito das normas da Graduação ver Resolução Complementar CEPE/UFMG no 01/2018

Queiroz (2017) de que há um protagonismo feminino nesse campo, comprovado pela presença nos cursos de formação, no mercado de trabalho, na implantação dos museus, na mobilização e associativismo da classe e no processo de regulamentação da profissão de museólogo. Grande parte dos estudantes situa-se na faixa etária de 18 a 24 anos, e são autodeclarados pardos ou negros. Cerca de 75% dos estudantes são da cidade de Belo Horizonte e região metropolitana e estudaram em escolas públicas (GOTELIPE, 2022). Estes dados certificam a mudança do perfil dos estudantes, promovida pelas políticas de cotas e inclusão nas universidades públicas, como se mencionou anteriormente. São dados que impactam e desafiam as experiências de ensino e aprendizagem. As abordagens dos processos de construção social de memórias, patrimônios e musealização nas atividades acadêmicas curriculares, ao contemplarem questões como o racismo, homolebobitansfobia, gênero, decolonialidade, em sintonia com o debate público, como também nas ciências sociais, aí incluída a Museologia, encontram ressonância significativa e necessária na comunidade da Museologia da UFMG.

3. Extensão e pesquisa na Museologia

Em uma pesquisa de dados no Sistema de Informação da Extensão da UFMG observa-se uma atuação vigorosa de docentes e discentes em ações extensionistas. A busca de informações considerou projetos, eventos, cursos e programas (conjunto de projetos correlacionados) coordenados pelo corpo docente do curso de Museologia. Não foram, portanto, computadas ações de extensão que contam apenas com a participação ou co-coordenação dos docentes. A pesquisa abrangeu o período de 2010, primeiro ano de funcionamento do curso e 2022, compreendendo 14 docentes, sendo 11 integrantes da ECI e 3 da EBA⁶.

De acordo com os dados, em 2010 foi cadastrado um projeto - ciclo de Conferência Museológicas - inaugurando as atividades do curso com uma série de encontros com docentes e pesquisadores do campo da Museologia. No ano seguinte, 2011, já havia 4 projetos cadastrados e até 2022 totalizam 73 ações, sendo 46 projetos, 18 eventos, 4 cursos e 5 programas coordenados por 14 docentes que atuam no curso de graduação de Museologia.

⁶ Coleta de dados da extensão realizada pelas bolsistas Erika Santos Souza e Karla Esther Rosa dos Santos.

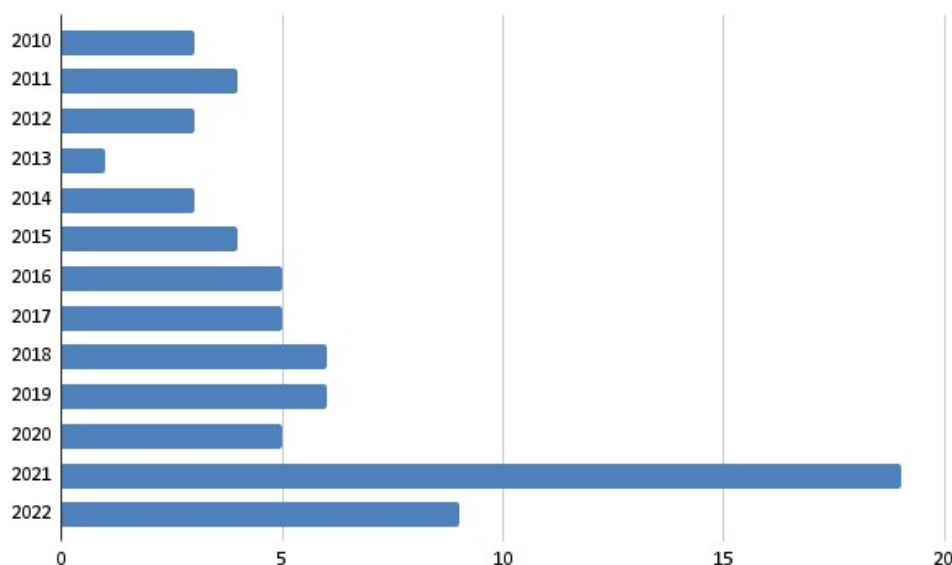


Figura 1- Ações de Extensão por ano. Fonte: Sistema de Informação da Extensão - UFMG

De acordo com o gráfico, em todos os anos de funcionamento do curso foram cadastradas ações de extensão. O menor número de registros foi em 2013, com apenas um projeto, e o maior, em 2021, com 19, numa média de 6 registros por ano. Muitas dessas ações tiveram ou têm duração extensa, envolvendo ou atividades contínuas, a exemplo de projetos de Documentação e Gestão do Acervo Artístico da UFMG ou processos de longo prazo, como a implantação do Museu de Congonhas.

As 73 ações de extensão abrangem campos de conhecimento distintos, como Artes, História, Antropologia, Ciência Natural/História Natural, Ciência e Tecnologia e Educação, reiterando a vocação interdisciplinar da Museologia. Além das áreas disciplinares, as ações contemplam patrimônios e coleções afro-brasileiras, indígenas, LGBT, de matriz religiosa católica, urbano, musical/fotográfico/textual, sítio de consciência, dentre outros. São desenvolvidas junto a distintos públicos e setores da sociedade, sendo que algumas ações têm abrangência para além de Belo Horizonte.

Em muitos dos 46 projetos está previsto o desenvolvimento de processos museais complexos, que abarcam o arco de operações da musealização - desde formação de acervo até sua extroversão. Ainda que se saiba que em grande parte dessas ações há interseção e complementaridade de distintos processos museais, é possível identificar 1 projeto dedicado à Sistema de Informação aplicado a Museus, 4 à Avaliação Museológica, 6 à Salvaguarda, 9 à Implantação ou Requalificação de

Museus, 10 à Exposição e 16 à Ação Educativa/Cultural e Público de Museu. Do total de projetos, 17 já foram concluídos e 29 estão ativos.

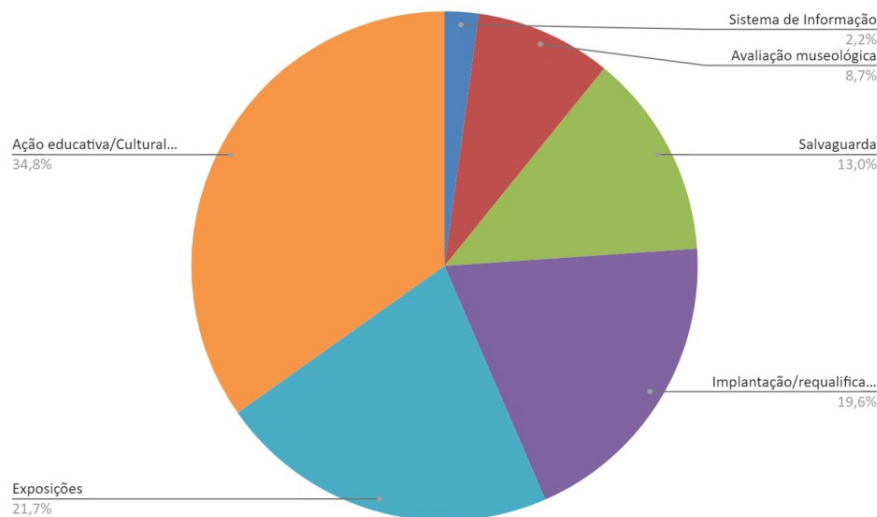


Figura 2 - Distribuição de projetos por área de atuação. Fonte: Sistema de Informação da Extensão – UFMG.

Além do predomínio de ações voltadas para público - Ação Educativa e Cultural e Exposição - convém destacar a participação significativa do Curso de Museologia em iniciativas de implantação ou de requalificação de museus ou centros de memória, em cujos projetos se articulam, comumente, desenvolvimento de planos e programas museológicos, pesquisa, gestão e salvaguarda de acervo, curadoria de exposição, curadoria educativa, etc. Integram o rol desses projetos o Museu de Congonhas (2011-2015); Centro de Memória da Assembléia Legislativa de Minas Gerais (2011-2013); Museu do Complexo Ferroviário de São João del Rei, Chagas Dória e Tiradentes (2012-2016); Museu Xakriabá (2013-2015); Museu Bajubá (2020-2022); Memorial dos Direitos Humanos de Minas Gerais (2020-2022); Centro de Referência da Memória da Justiça Federal na Seção Judiciária de Minas Gerais (2019-2021); Centro de Memória da EMATER (2020-2022); Museu Instituto Raul Soares (2022).

Os cinco programas de extensão coordenados por docentes da Museologia conjugam, de forma orgânica, vários outros projetos que, em conjunto, contemplam igualmente processos museais e patrimoniais de preservação, pesquisa e comunicação. Enquadram na categoria dos programas “Campus Cultural UFMG em Tiradentes: Interação e diálogo para a democratização do conhecimento, do patrimônio, da memória e da cultura”; “Rede de Museus e Espaços de Ciências e

Cultura da UFMG”; “Exibindo Acervos: extroversão dos acervos da UFMG através de produções fílmicas, exposição, catálogo e debates”; “Laboratório de Curadoria de Exposições - Bisi Silva” e “Museus Educação Imagens e Oralidades”. À exceção do programa “Exibindo Acervos: extroversão dos acervos da UFMG através de produções fílmicas, exposição, catálogo e debates”, iniciado em 2016 e concluído em 2018, os demais estão ativos.

Vale notar que “Rede de Museus e Espaços de Ciências e Cultura da UFMG” e “Campus Cultural UFMG em Tiradentes: Interação e diálogo para a democratização do conhecimento, do patrimônio, da memória e da cultura” são programas institucionais e foram assumidos por docentes da Museologia, à frente da gestão dessas instâncias e espaços da UFMG. Desdobram desses programas múltiplas ações que envolvem docentes e, sobretudo, discentes atuando em aproximadamente 27 equipamentos culturais e/ou museais da UFMG, disseminados em unidades dispersas pelos *campi* da Universidade. É, portanto, notável a potencialidade dessa estrutura descentralizada - museus nos moldes clássicos, coleções visitáveis, galerias, centros de memórias e documentação - em estabelecer processos formativos de discentes do curso de Museologia, em interlocução a um só tempo com demais áreas do conhecimento e distintos setores da sociedade.

Ainda que tenham sido registrados apenas 4 cursos de extensão - 3 voltados para a área de documentação museológica ou patrimonial e 1 para a de exposição - é preciso considerar que em muitos programas ou projetos são realizadas atividades de formação, que beneficiam estudantes e outros participantes da sociedade.

A dinâmica universitária envolve a realização de muitos eventos. Em mais de 10 anos de funcionamento os docentes do curso de Museologia cadastraram no Sistema de Informação da Extensão - UFMG 18 eventos, dentre os quais ciclos de conferências, palestras, seminários, fóruns, aulas abertas, visitas mediadas a museus. Alguns desses eventos integraram programações nacionais da Semana de Museus e da Primavera de Museus.

Além do I Seminário Brasileiro de Museologia (Sebramus), abordado anteriormente, mais dois outros eventos merecem destaque: V Fórum Permanente de Museus Universitários (FPMU) e 10 anos de criação do Curso de Museologia. Em 2018, o curso de Museologia se juntou à Rede de Museus e Espaços de Ciência e Cultura da UFMG para realizar o V Fórum Permanente de Museus Universitários, cuja última edição havia sido em 2006. O evento articulou museus e espaços de memória de universidades de todas as regiões do país e contou a participação de presidentes

de redes de museus universitários dos EUA e da União Europeia, e de presidentes dos comitês do ICOM - UMAC, Comitê Internacional de Museus e Coleções Universitárias e ICTOP - Comitê internacional de Formação de Pessoal. Durante o evento foi produzido coletivamente e aprovado em plenária o documento *Diretrizes para uma Política de Museus e Coleções Universitárias*, que têm orientado ações no campo. A realização do V Fórum retomou a periodicidade do evento tanto quanto a articulação político-acadêmica dos museus universitários brasileiros, originada de eventos e encontros dos anos de 1990 (SEGANTINI *et al.*, 2017).

Durante o período de isolamento social, em decorrência do Covid 19, realizou-se o evento em comemoração aos 10 anos de criação do Curso de Museologia da UFMG, transmitido via canal do *youtube* do curso. A programação debateu a formação da graduação em Museologia em diferentes contextos e em experiências museais socialmente inovadoras, como curadoria indígena e atuação profissional de egressos. Dentre outros participantes, o evento contou com a presença dos professores Dominique Poulot e Jésus Pedro Lorente, que abordaram a formação em museologia na França e na Espanha, respectivamente, e com as professoras Manuelina Duarte e Letícia Julião e o professor Luiz Henrique Garcia que analisaram os processos formativos no Brasil.⁷

Esse leque amplo e diversificado de ações tem assegurado papel determinante da extensão na formação dos discentes do Curso de Museologia. São experiências que contribuem significativamente para manter o Curso de Museologia alinhado a questões enfrentadas pelos museus e pelo patrimônio cultural na contemporaneidade, uma vez que se constitui na dimensão que enseja a interação da universidade com a sociedade, pautada no compromisso com a transformação, o diálogo e a troca de saberes. Como processo educativo, cultural e científico, indissociável do ensino e da pesquisa, a extensão tem servido como um horizonte de experiências criativas e inovadoras de aprendizagem, quanto tem conduzido perspectivas de investigação.

Para além dos projetos de pesquisa conduzidos por docentes, muitas atividades acadêmicas regulares do curso demandam esforços de investigação como parte da formação. São exemplos a Vivência Profissional e a Exposição Curricular, que implicam na articulação e concatenamento de diferentes disciplinas e modalidades de orientação por parte do corpo docente, propiciando aos estudantes oportunidades de desenvolver suas habilidades de pesquisa ao longo de todo o curso.

⁷ Disponível em: <https://www.youtube.com/c/10AnosMuseologiaUFMG>. Acesso em: 26 nov. 2022.

O visível incremento das atividades de pesquisa no campo da Museologia, coadunando com a ampliação e aumento da titulação do corpo docente do curso, se confirma com a participação de professores em programas de pós-graduação. A sinergia entre graduação e pós-graduação, critério considerado nas avaliações institucionais dos PPGs feitas pela CAPES, é uma meta explicitada no Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) da UFMG. Tal disposição deve ser compreendida como parte de um projeto político de promoção da qualidade da formação do cidadão brasileiro no âmbito da Educação Superior. Do ponto de vista do curso de Museologia, há um esforço em promover essa integração, como forma de compartilhamento e de atualização de conhecimentos e de estímulo da pesquisa na graduação.

Como já abordado, um debate vigoroso resultou na reformulação do programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI) da ECI. Institucionalizou-se, dessa maneira, o movimento de aproximação deste Programa em relação aos campos e aos objetos de estudo da museologia, da memória e do patrimônio cultural, já perceptível há alguns anos, como foi possível constatar em consulta ao repositório de Dissertações e Teses do Sistema de Bibliotecas da UFMG (GARCIA, 2019, p.132). Atualmente, vários professores que compõem o grupo de docentes da graduação em museologia participam como efetivos ou colaboradores nos programas de Pós-Graduação em Ciência da Informação (ECI) e do Mestrado Profissional Educação e Docência (Promestre- FAE) ambos na UFMG, e mesmo em programas de pós-graduação de outras universidades. Orientam mestrandos e doutorandos, lecionam Atividades Acadêmicas Curriculares (AACS) obrigatórias e optativas, participam de bancas de avaliação internas e externas, além das demais atividades acadêmicas que desempenham vinculadas aos Programas. Com essa atuação, ampliam a circulação do conhecimento produzido na UFMG e o diálogo com o campo da museologia e áreas afins, seja no plano nacional ou internacional.

Considerações finais

Ao longo das duas últimas décadas, o Brasil consolidou-se como protagonista no cenário internacional da museologia. Em parte, isso se deve à atuação historicamente marcada pela precocidade do primeiro curso de formação nos anos de 1930, e pela atuação incansável e inovadora de pesquisadores, profissionais e teóricos do campo, sobretudo a partir dos anos de 1980. E aqui vale destacar o papel de Waldisa Russio.

Mas esse protagonismo decorre também de um contexto promissor de estruturação dos cursos de graduação e de pós-graduação de Museologia, quando governos progressistas investiram em políticas de democratização de universidades e museus. Esta conjunção tão favorável deu origem a experiências inéditas de apropriação da ideia de museu por diversos sujeitos, povos, grupos, pessoas, que demandam a emergência de memórias e histórias contestadas na esfera pública. Estabeleceu-se e vem ainda sendo estabelecida uma extensa pauta política que atravessa hoje o pensamento social, filosófico e, claro, impacta decisivamente a formação e atuação de museólogos.

Em mais de 10 anos de sua existência, o curso de Museologia da UFMG teve um percurso marcado pela aposta na potência da experimentação, da criatividade e da subversão do pensamento, mas também pela pactuação com regras consagradas no jogo acadêmico. Durante esse tempo, foi possível constatar o quanto a museologia se faz no cotidiano; o quanto se adensa o pensamento teórico pela experimentação; o quanto o ensino e a aprendizagem se nutrem das pesquisas e das intervenções vivenciadas em campo, em relações significativas com setores da sociedade.

Mas essas constatações e projeções não se delineiam sem contradições e embates. Muitas vezes são as dificuldades que prevalecem. Enfrentá-las requer reconhecermos a nós mesmos como cidadãos e profissionais que participam, atuam e modificam a sociedade. Somente o entendimento dessa condição poderá nos engajar no processo de transformação do profissional museólogo que está em formação. É preciso lembrar que historicamente a construção da cidadania no Brasil se dá de forma claudicante, fraturada, distribuída desigualmente e sempre sujeita a retrocessos, como estamos vivendo no presente. De outra parte, o mundo está igualmente atravessado por conflitos de toda ordem, cujas disparidades se agravam por crises recentes que põem a teste todos os parâmetros civilizatórios que ainda se interpõem entre a humanidade e sua completa falência. Esta realidade, de dúvidas e dilemas, ronda a sala de aula.

Cabe aos museus ir ao nervo do problema, afirmando assim seu propósito como foro público de debate e experimentação. Os museus deixam de ser lugares do monólogo do especialista para se tornarem espaços de diálogo, onde emergem consensos e dissensos que são próprios da democracia. Neste cenário, a formação do museólogo requer, acima de tudo, construir uma consciência profissional fundada na premissa de que o trabalho com a memória social e o conhecimento só faz sentido se forem compartilhadas as ferramentas conceituais e comunicacionais, por meio do

debate, de modo que a sociedade possa pensar-se e transformar-se. Qualquer que seja o currículo, o projeto político de formação do museólogo deve estar permeado pela preocupação em habilitá-lo a encarar suas próprias fissuras, as próprias incongruências no cerne de suas práticas. Nossa responsabilidade é formar museólogos que, reconhecendo as desigualdades, saibam agir sobre elas e não as escamotear.

Referências

ALVES, Marcos Francisco. *Pesquisa e Formação em Museologia no Brasil: Tendências nos Cursos de Graduação*. 1a edição, Editora Apris, Curitiba, 2018. 213p.

BRUNO, Maria Cristina Oliveira. Museologia: algumas idéias para a sua organização disciplinar. *Cadernos de sociomuseologia*, n. 9, p. 9-33, 1996.

FONSECA, Marcelo. Democracia e acesso à universidade no Brasil: um balanço da história recente (1995-2017). *Educar em Revista*, Curitiba, v. 34, n. 71, p. 299-307, set./out. 2018.

GARCIA, Luiz Henrique Assis. Memória, patrimônio e informação: diálogos em uma disciplina nuclear. *Perspectivas em Ciência da Informação*, v. 24, n. spe, p. 130-148, 2019.

JULIÃO, L.; GARCIA, L.; SABINO, P. R.. O curso de Museologia da UFMG. *Perspectivas em Ciência da Informação*, v. 20, núm. esp., p.1-8, out./dez. 2015.

. Acesso em: 26 nov. 2022.

GOTELIPE, Luciana G de Oliveira. *Relatórios do setor de estatística dos Cursos de Museologia, Arquivologia e Biblioteconomia*. Disponível em: <https://www.ufmg.br/prograd/relatorios/>. Acesso em: 28 ago. 2022.

MENSCH, Peter van. The structure of museology. In: *Towards a methodology of museology* (PhD thesis), University of Zagreb, 1992 Disponível em: http://vana.muuseum.ee/en/erialane_areng/museoloogiaalane_ki/p_van_mensch_towar/mensch06/index.html. Acesso em: 26 nov. 2022.

SEGANTINI, V. C. *et al.* Constituição do Fórum Permanente de Museus Universitários: trajetória, desafios e mobilizações. *Anais do 3º Sebramus*, Belém, p. 1912-1931, nov. 2017.

SILVEIRA, M. M. G. da; JULIÃO, L. Rede de museus e espaços de ciências e cultura da UFMG: trajetória, desafios e perspectivas. *Revista CPC*, [S. l.], v. 16, n. 32, p. 36-55, 2021. DOI: 10.11606/issn.1980-4466.v16i32p36-55. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/cpc/article/view/173067>. Acesso em: 7 ago. 2022.

TANUS, G. F. S. C. A trajetória do ensino da Museologia no Brasil. *Museologia & Interdisciplinaridade*, v.1, p. 76-88, maio/junho de 2013.

Data de recebimento: 01.09.2022

Data de aceite: 25.10.2022